

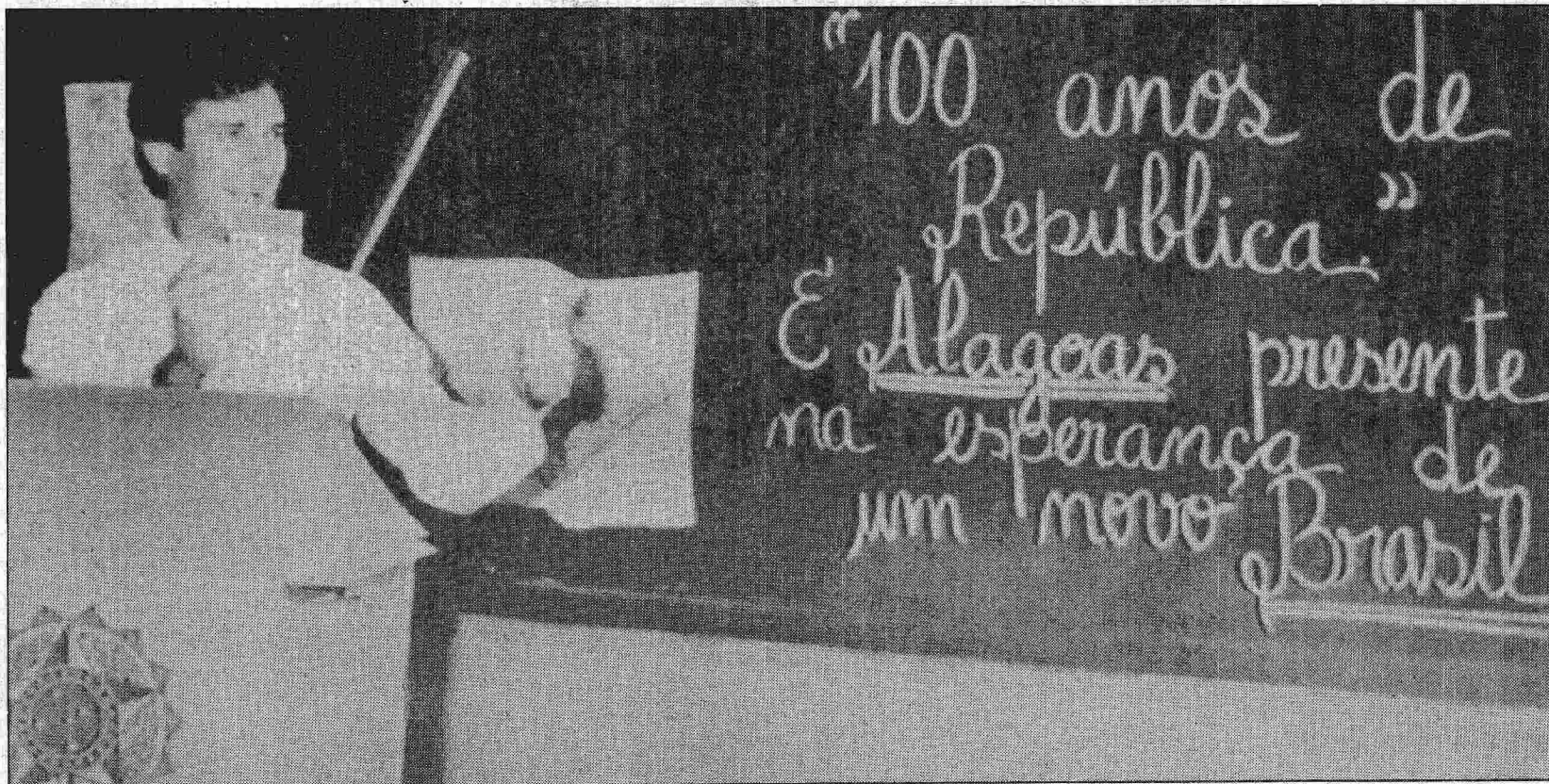
Collor madrugua. E vota falando em união.

A copeira Fátima Soares pensava estar atrasada, às 7 horas da manhã de ontem, ao bater na porta da suíte do patrão (recebera ordem para chamá-lo às 6h30), mas Fernando Collor de Mello já estava acordado há pelo menos duas horas. Chegara mesmo a dormir?

Após deixar a mais bela mansão do bairro Serraria, em Maceió, às 8h20 Collor cruzava o portão da Escola Estadual Diegues Júnior, em Pajuçara, outro bairro da cidade, pronto para votar. Camisa imaculadamente branca e calça azul escuro. A caminho da urna, só o motorista do Monza cinza havia escutado o dilema proposto pelo candidato à mulher: "Será que essa nossa gente vai saber fazer o X na cédula?" — duvidou. Mas a dúvida logo sumiu, diante dos jornalistas do País inteiro que o esperavam à porta da seção 136: "Vamos ganhar!" — exclamou ele.

Joelhos discreta e elegantemente à mostra, sob a roupa justa de seda estampada, Rosane Collor de Melo segurou a mão do marido o tempo todo. Collor poderia ter votado em qualquer seção eleitoral do País, mas preferiu depositar a cédula no local onde sempre votou: o desbotado prédio construído há 72 anos, próximo à casa em que passou parte da infância. "Superstição", diagnosticou Pedro, o irmão mais novo do candidato.

Não ouviu vaias, nenhuma manifestação hostil à sua candidatura, na terra em que é odiado pelos funcionários públicos. Odet Maria Almeida, a diretora da



Collor votou em Maceió e a diretora da escola fez "boca de urna" disfarçada, na lousa.

escola Diegues Júnior, ao contrário, "colloriu" de verde e amarelo a sala em que o ex-governador foi votar. A homenagem se completaria no quadro-negro onde a mensagem da professora exaltava a esperança de "um novo Brasil". Alertada sobre proibições da Justiça Eleitoral ao trabalho de boca-de-urna, Odete culpou a sua "ingenuidade" pelo deslize de reproduzir na lousa exatamente o slogan do candidato do PRN.

Collor apertou firme a mão do presidente da seção, Gelvan

Oliveira Santos, um motorista aposentado por invalidez, que defende a vida pescando e cantando nos restaurantes da cidade.

O candidato trazia no bolso da camisa a caneta de ouro com que assinalaria seu primeiro voto para presidente. Não a usou. Achou gentil aceitar uma Cross prateada oferecida por um eleitor. Na cabine de papelão da Justiça Eleitoral, Collor votou sob as lentes e os olhos atentos dos repórteres. Atendeu aos pedidos de pose, fez sinal de "positivo" com o dedo

polegar, sorriu para um lado e para o outro. Tudo com muita calma, para permitir o registro das câmeras.

Era um homem diferente do touro em campanha que demonstrou ser nos últimos três meses, na árdua empreitada de correr o País debaixo de chuva, sol e poeira. Desta vez, não evitou os jornalistas: "Espero que as urnas confirmem as pesquisas eleitorais. Estou confiante e, caso seja honrado com o voto do povo brasileiro para chefiar os destinos da nação,

espero estar — como estou — à altura dessa responsabilidade", disse Collor. "Mais do que nunca o Brasil está precisando da união de cada um de nós, que a sociedade como um todo pense exclusivamente no Brasil e como retirá-lo da crise em que a Nova República colocou nossa pátria", foi o complemento crítico de sua mensagem.

Quando o avião decolou, levando o candidato e seus assessores de Maceió a Brasília, a copeira Fátima ainda não havia termina-

do de lavar a louça do café (pão de seda, queijo, leite e frutas) servido ao casal Collor de Mello na mesa redonda de mármore próxima à piscina. Ela e outras três empregadas da mansão, estão esperando o telefonema do patrão para iniciar os preparativos de uma festa. O silêncio — só amortecido pelo vento nos coqueiros e amendoadeiras do gramado — dará lugar a uma ruidosa comemoração da vitória no primeiro turno, embora com poucos convidados.

Josenildo Tenório/AE

Parlamentarismo é "golpe", reage Itamar Franco.

Manifestando seu descontentamento com a declaração do candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, de que o País precisa agora do parlamentarismo, qualificando-a de "golpe", o candidato a vice-presidente na chapa de Fernando Collor de Mello, senador Itamar Franco, votou ontem em Juiz de Fora, seu reduto eleitoral.

Itamar Franco estava otimista e disse nutrir esperanças de que o PRN vença as eleições ainda no primeiro turno. Ele explicou que sua opinião se baseia no fato de eleição ser sempre imprevisível e que tudo pode acontecer. O senador votou no final da tarde, no centro de Juiz de Fora. Sua presença provocou uma aglomeração de eleitores dos quais recebeu vaias e aplausos.